



Retiro online - Advento 2024 com S. Teresa de Lisieux «Acolher a Deus como as crianças»

## Evangelho de Jesus Cristo segundo São Lucas (3,1-6)

No décimo quinto ano do reinado de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos governador da Judeia; Herodes tetrarca da Galileia; Filipe, seu irmão, tetrarca das regiões da Itureia e da Traconítide; e Lisânias tetrarca de Abilene; no tempo do sumo-sacerdócio de Anás e Caifás, a palavra de Deus foi dirigida a João, filho de Zacarias, no deserto.

E ele percorreu toda a região do Jordão a proclamar um batismo de conversão para perdão dos pecados, tal como está escrito no livro dos oráculos do profeta Isaías: Uma voz clama, no deserto: “Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas. Todos os vales serão alteados, e todos os montes e colinas serão rebaixados; o que é sinuoso tornar-se-á direito, e os caminhos pedregosos tornar-se-ão planos, e toda a criatura verá a salvação de Deus.”

## O apelo à conversão

A figura do profeta João Batista aparece neste segundo domingo de Advento, independentemente do ano litúrgico (A, B ou C) em que estivermos. O seu apelo à conversão é claro: «*Convertei-vos! O Reino de Deus está próximo!*» Converter-se é, pois, reencontrar o caminho do Reino que tínhamos perdido, mas que agora se revela «*muito próximo*» porque Cristo é a chave e vem reabri-lo através da sua vinda na nossa carne. Converter-se é, portanto, em primeiro lugar, orientar a vida na direção certa, não a da emancipação ilusória do primeiro Adão, pois nós nem sequer podemos dar-nos a vida a nós mesmos, mas acolhendo a vida como ela é: o primeiro dom Deus! A orientação correta é antes ***a da nossa abertura a Deus ou, dito de outra maneira, é fazer este movimento de fé que consiste em voltarmo-nos para Ele*** e abandonarmo-nos Àquele que é o “único bom” e nos permite ajustar a nossa vida à sua vontade divina! ***Trata-se de passar de uma vida centrada em nós mesmos para a própria Vida de Cristo em nós.*** «*Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim*» (Gl 2,20). Pensar que deveríamos alcançar a conversão pelas nossas próprias forças naturais seria necessariamente enganarmo-nos no caminho, pois Aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida, pode realizar por Si essa mudança de rumo, admitindo-nos a participar do Seu Espírito de amor.



A conversão é fruto da misericórdia de Cristo que, ao longo da nossa vida e com o consentimento da nossa fé, nos renova n'Ele com o dom da sua graça. João Batista exprime-o bem, falando d'Aquele que nos batizará não já na água da penitência, mas no fogo do Espírito Santo que nos purifica do pecado e nos faz entrar numa vida nova.

Teremos de cooperar com a ação do Espírito, que está no princípio da nossa conversão e no nosso progresso espiritual e moral. Deixar Cristo viver em nós não está reservado a uma elite: é a vocação de todos os batizados, pois todos são convidados a pôr em prática a graça santificante recebida no nosso batismo.

## Na escola de Teresa: Convertamo-nos ao Amor que espera por nós

A conversão reside nesta graça que nos dá vida. Todos os Evangelhos, e toda a tradição teológica que se lhes seguiu, proclamam que *a conversão do coração tem a sua fonte no próprio Deus*, e não depende de forma alguma dos méritos que o homem pode exhibir. São Paulo é assertivo: *«É pela graça que estais salvos, pelo meio da fé. E isto não vem de vós; é dom de Deus. Não é das obras, para que ninguém se glorie. Pois nós fomos feitos por Ele»* (Ef 2, 8-10).

Portanto, seria mais justo dizer que o homem é convertido do que dizer que ele próprio se converte. No entanto, o homem permanece livre para aderir plenamente à graça. Seria, portanto, ainda mais justo dizer que o homem se deixa converter ou se deixa salvar. A conversão é tanto obra da graça, que justifica, como do homem que consente em *«ser justificado»*. *Por isso, converter-se é sobretudo entrar num movimento de dependência amorosa em relação a um Deus perdidamente desejoso de nos salvar*. É o que Teresa e o seu pequeno caminho da infância espiritual nos ensinam: devemos converter-nos a um Amor que nos precede e nos convida a comportarmo-nos na vida espiritual, como uma criança pequena, que não consegue fazer nada sem a ajuda do pai ou da mãe. Esta é mesmo a condição para se entrar no Reino. Jesus assim o proclama claramente: *«Se não vos converterdes e não vos tornardes como as crianças, não entrareis no Reino dos Céus...»* (Mt 18,3). Esta conversão a que Jesus nos convida consiste em voltarmo-nos para o Amor do Pai que primeiro nos espera e nos pede que acolhamos livremente a graça filial que Cristo Salvador nos quer comunicar. Nada mais simples e, no entanto, ao mesmo tempo, nada mais difícil, porque, a partir do pecado original, ficámos presos na ilusão de podermos bastar-nos a nós mesmos. Por isso, constatamos que o caminho da infância é simples mas, simultaneamente, também se torna tão difícil: não porque seja complexo de compreender, mas porque o nosso coração é complicado e está afetado pelas grandezas.

## Confiança e abandono

No entanto, o caminho para Deus consiste em entrar com confiança no seu desígnio salvífico: *«Só a confiança e nada mais que a confiança tem de conduzir-nos ao amor»*, declara Teresa (Cta 197, 17 de setembro de 1897).



E se nos sentimos indignos de ter uma tal confiança por estarmos demasiado conscientes da nossa miséria, Teresa tranquiliza-nos imediatamente: «*Ah! Se todas as almas débeis e imperfeitas (a santa fala de si mesma) sentissem o que sente a mais pequena de todas as almas, (...) nem uma única perderia a esperança de chegar à mon-tanha do amor, uma vez que Jesus não pede grandes ações, mas apenas o abandono e a gratidão.*» (Cta 196 à Ir. Maria do Sagrado Coração 13 de setembro de 1896).

O abandono: esta é a outra palavra-chave para compreender o caminho da infância espiritual. Teresa ainda especifica melhor: «*o caminho é o abandono da criancinha que adormece sem medo nos braços do seu Pai...*». (ibidem)

**O Senhor conhece-nos e sabe que somos pequenos e frágeis, mas nunca nos reprova por isso.** Somos nós que temos dificuldade em aceitar a nossa fragilidade; no entanto, ela não é um obstáculo à ação do amor divino, que é da ordem da graça. O Senhor quer ver-nos chegar à plena maturidade do amor, que consiste em nos mantermos no nosso justo lugar e darmos a Deus o lugar que Lhe pertence, o primeiro: «*É necessário que Ele cresça e eu diminua*», afirma ainda João Batista no coração da sua missão de profeta (cf. Jo 3,30). Somos convidados a tomar essa atitude. Quando nos aceitamos humildemente e sem amargura, tal como somos, então reencontramos uma certa inocência. Deixamos de querer crescer aos nossos olhos ou aos olhos dos outros. Somos aliviados do peso dos nossos condicionamentos e tornados capazes de acolher a novidade e os paradoxos do Espírito. Quando corremos para o Senhor com o coração contrito, reconhecendo a nossa culpa, mostramos com a nossa atitude que Ele «*não é senão Amor e Misericórdia*» e que «*sem Ele nada podemos fazer*» (Jo 15,5).

Este é o caminho: a confiança e o abandono; e a meta: o amor. Juntamente com a humildade, temos as quatro virtudes fundamentais, que se articulam entre si, do caminho da infância espiritual. **Com efeito, a confiança repousa na desconfiança de si mesmo, tal como o amor de Deus assenta no desejo de Lhe agradar.** A confiança apoia-se nesta «*boa vontade*» que, como afirma Teresa, «*nunca lhe falta*», porque é a garantia desta «*disposição do coração*» em que se encontra a perfeição de um amor que, mal é recebido, é imediatamente dado. As quedas e imperfeições, os defeitos e as falhas, desde que a alma permaneça animada do grande desejo de amar a Deus e fazê-lo amar, deixam de constituir obstáculo. Se a boa vontade não cessa de «*levantar o pezinho*», para usar uma expressão teresiana ou, dito de outra maneira, se a alma se mantém sempre na disposição de se unir a Deus, o Senhor lhe concederá «*tudo quanto espera*», segundo a expressão de São João da Cruz, que Santa Teresa gostava de retomar. **A fé em Teresa é, portanto, a aquela atitude confiante e audaz, que se baseia essencialmente no amor e na bondade que Deus na sua infinita misericórdia dá antecipadamente.** Ao mesmo tempo, é uma fé que pede o nosso consentimento para exercer em nós o poder da sua obra de amor. Vamos dizer, mais uma vez, **que Deus não quer impor-se a nós: o Amor oferece-se e deixa-nos livres para nele consentir:** tal como acontece com o amor humano, que implica necessariamente a reciprocidade. Na Sagrada Escritura, isto tem o belo nome de Aliança, que define muito bem a relação de amor que o Nosso Pai dos Céus deseja tecer com cada um de nós. Não importa que sejamos pequenos, pobres e pecadores, pois o nosso miserável pó, oferecido ao poder da misericórdia divina, pode-se transformar, pela Sua virtude, em pó de ouro! Mais ainda, e esta é uma das grandes consolações que Teresa traz à Igreja e ao mundo: esta miséria constitui um trampolim que Deus utiliza para Se lançar sobre nós e nos transformar Nele: «*Quanto mais fraco se é, sem desejos nem virtudes, tanto mais puro se*



*está para as operações deste Amor consumidor e transformante»... (Cta 197). Este é o paradoxo teresiano da pequenez. Não assenta em méritos, mas unicamente na graça que o homem pode receber da misericórdia de Deus, se assim se dispuser a acolhê-la.* O combate espiritual consiste principalmente, se ainda acreditamos no nosso Doutor, em lutar contra o orgulho, sempre pronto para regressar à superfície.

Teresa compreendeu que o caminho que conduz à santidade consiste menos numa conquista ou numa ascensão gloriosa do que numa derrota das próprias pretensões e poderes; consiste numa descida ao fundo de si mesmo para descobrir a miséria da qual só nos salva «o *ascensor*» da misericórdia divina. Teresa canta então o seu *Magnificat*, que consiste, tal como o da Virgem Maria, em reconhecer que o Senhor fez por ela grandes coisas, sendo a maior de todas, segundo ela, «*terme mostrado a minha pequenez e a minha incapacidade para todo o bem*». *Uma constatação bem distante de qualquer perfeccionismo ilusório! Na verdade, Teresa experimentou na sua vida o puro amor de um Deus, cuja infinita misericórdia não cessa de enaltecer, como testemunha a conclusão da narrativa de sua curta vida: «É porque Deus, na sua providente misericórdia, preservou a minha alma do pecado mortal, que me elevo para Ele pela confiança e pelo amor»* (Manuscrito C 37 r°).

No entanto, é preciso evitar uma visão redutora e relativista da pequena doutrina de Teresa e da conversão que ela implica. Com efeito, Teresa não desresponsabiliza o homem das suas próprias escolhas e ações praticadas, nem o seu caminho é uma garantia ou um seguro contra todos os riscos de um pai bonacheirão que não nos pede contas de nada e nos salva sem nós, num golpe de magia... A misericórdia divina é por vezes apresentada assim, sem ter em conta a necessária colaboração e correspondência da nossa parte. Ora, a misericórdia é o coração de Deus que quer dar-se à miséria... que é a nossa! Mesmo se o Senhor, «*num instante nos pode preparar para comparecer diante dele*», como declara Teresa no seu *Ato de Oferecimento*, não deixa de ser verdade que a conversão é uma necessidade: «*Se não vos converterdes... não entrareis*»... (Mt 18, 3). A vida do homem e o seu destino estão entre dois abismos: o da sua própria vontade, afetada por um coração duro; e o da humildade que se entrega como uma criança à vontade do Pai dos céus. Esta é a verdadeira conversão cristã. É um caminho de intenso esforço, onde o homem aprende a renunciar a si mesmo, isto é, à sua autossuficiência, para responder plenamente à sua vocação de filho de Deus.

## Pistas para a semana

Estou verdadeiramente desejoso de me entregar à vontade de Deus? Confio plenamente neste Deus que me quer salvar sem, contudo, restringir a minha liberdade? Estou pronto para entrar no caminho da infância espiritual, onde se trata mais de confiar no poder de Deus do que em mim? Tenho uma clara consciência da paternidade de Deus? Não sou eu dependente de falsas imagens que acumulei sobre Deus e deturpam o seu verdadeiro Rosto? Estou consciente de que Ele realmente me ama e quer o meu verdadeiro bem: a minha salvação, a vida eterna junto d'Ele para sempre? Estou disposto a permanecer «pobre de espírito», como nos convida Teresa a fazer: «*Onde encontrar o verdadeiro pobre de espírito? É preciso procurá-lo muito longe*» (Cta 197, 17 de setembro de 1896, à sua Irmã Maria do Sagrado Coração).

Frei Jean-Gabriel RUEG,  
ocd (convento de Toulouse)



### Segunda-feira, 9 de dezembro: Caminhar com Maria

«Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!» (Lc 1,28)

«Fazes-me sentir que não é impossível seguir os teus passos, ó Rainha dos eleitos, o estreito caminho do Céu, tornaste-o visível praticando sempre as mais humildes virtudes.» (PN 54, 6)

Rezemos pelas mães de família, para que, à imagem da Virgem Maria, mostrem aos seus filhos o Caminho do Céu!...



« Vierge à l'Enfant » Raphaël



### Terça-feira, 10 de dezembro: Cair e levantar com confiança

«Também o vosso Pai que está nos Céus não quer que se perca nenhum destes pequeninos» (Mt 18,12-14)

«Mas se caio a cada hora que passa, tornando a erguer-me, vens em meu auxílio: em cada instante me dás a Tua graça» (PN17)

Rezemos para que, neste ano jubilar, todos se deixem tocar pelo olhar misericordioso que o Pai tem sobre si.

### Quarta-feira, 11 de dezembro: O meu coração está pronto para o receber?

«Tomai sobre vós o meu jugo porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis alívio» (cf. Mt 11,28-30)

«Quero ficar sempre pequenina, muito humilde, para me parecer com Jesus e merecer que Ele faça em mim a Sua morada» (RP 1, 12V°)

Hoje, preparemos o nosso coração para que Jesus possa fazer nele a sua morada.



### Quinta-feira, 12 de dezembro: Nosso Pai ... 'que está presente'

«Não tenhas medo, Eu mesmo te ajudarei» (Is 41,13)

«Se tu nada és, não deves esquecer que Jesus é tudo, por isso tens de perder o teu pequeno nada no seu Tudo infinito.» (Cta 109)

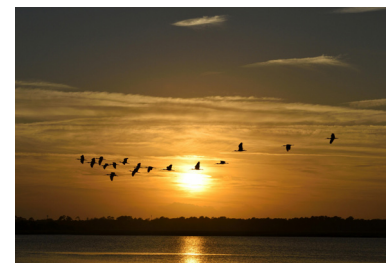
Hoje, recitemos um Pai Nosso com a intenção de nos entregarmos totalmente a Deus.

### Sexta-feira, 13 de dezembro: A confiança, nada mais que a confiança

«Eu sou o Senhor teu Deus que te guio pelo caminho que deves seguir» (Isaías 48,17)

«O passarinho quer ficar a fixar o seu divino Sol (...) e se as nuvens sombrias chegam a esconder o Astro do Amor (...) sabe que, para além das nuvens, o seu Sol brilha sempre» (Ms B 5r°)

Hoje, vamos renovar atos de confiança ao longo do dia.



### Sábado 14 de dezembro: A tua Palavra é Verdade

«Pai Santo, guarda os meus discípulos em ti na fidelidade ao teu nome, o nome que me deste, para que eles sejam um como nós somos um. Consagra-os na Verdade: a Tua palavra é a Verdade» (cf. Jo 17,11-17)

«Sim, parece-me que nunca procurei senão a verdade; sim, compreendi a humildade de coração...» (Caderno Amarelo, 30 de setembro de 1897)

Oremos pelos teólogos e pelos buscadores de Deus. Que a sua pesquisa de Deus os faça crescer na humildade.